

# Tecendo mundos com(o) as aranhas

— ciclo de leituras



“O que acontece quando o excepcionalismo humano e o individualismo limitado, aqueles antigos serrotes da filosofia ocidental e da economia política, se tornam impensáveis nas melhores ciências, sejam elas naturais ou sociais? Seriamente impensáveis: não disponíveis para pensar com?”<sup>1</sup>

Essa questão abre o segundo capítulo do livro *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*, de Donna Haraway. Em resposta, Haraway pensa com o pensamento tentacular de seres “repletos de tentáculos, antenas, dedos, rabos de lagarta, tranças, patas de aranha, e cabelos muito desgrenhados”<sup>2</sup>. Com os ctônicos, os seres da terra, Haraway nos convida a imaginar mundos em fermentação, em que possamos viver e morrer bem em meio a diferenças. As aranhas são as primeiras das criaturas invocadas por Haraway para tecer a noção de pensamento tentacular. As aranhas, propõe Haraway, nos ajudam com retornos, com raízes e rotas: “os tentaculares se emaranham e se desprendem; eles fazem cortes e nós; fazem a diferença; tecem caminhos e conseqüências, mas não determinismos; são abertos e atados, de alguns modos e não de outros”<sup>3</sup>.

No livro *Being alive: essays on movement, knowledge and description*, Tim Ingold também pensa com os mundos tecidos pelas aranhas. Acompanhando o encontro entre uma aranha e uma formiga, Ingold nos convida a pensar como as aranhas tecem mundos em emaranhamento: “as linhas da minha teia são elas próprias fiadas a partir de materiais secretados do meu próprio corpo, e são deixadas enquanto me movimento. Você pode até mesmo dizer que elas sejam uma expressão do meu próprio ser enquanto trilha o meio ambiente — elas compreendem, se você quiser, a minha “amplitude”. Elas são as linhas ao longo das quais eu vivo e realizo a minha percepção e ação no mundo. [...] O mundo para mim não é um conjunto de pedaços, mas um emaranhado de fios e caminhos”<sup>4</sup>.

Cantando em ondas, as aranhas e suas teias povoam, também, os pensamentos de Vinciane Despret, que joga com a ciência e a ficção, se deixando contaminar pela poesia silenciosa das aranhas: “as aranhas fizeram a escolha muito sábia de ocupar os interstícios da visão e da audição, de povoar com suas próprias histórias um mundo onde falar faz vibrar e vibrar faz responder — cantoras silenciosas, sua poesia sem som é escrita na ínfima vibração das teias, folhas, caules, fazendo coro com grãos de poeira que dançam, com o vento, com vibrações terrestres, ondas telúricas e eventos cósmicos.”<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Haraway, 2016, p. 30.

<sup>3</sup> Haraway, 2016, p. 31

<sup>5</sup> Despret, 2021, p. 31.

<sup>2</sup> Haraway, 2016, p. 02.

<sup>4</sup> Ingold, 2015, p. 146-148.

<sup>6</sup> Jiménez, 2018, p. 63.

Já Alberto Corsín Jiménez se aproxima das teias de aranhas tomando-as como companheiras para pensar a nossa situação atual de expulsão, ruína e precariedade; e, finalmente, Jakob von Uexküll, ainda no início do século XX, em um texto seminal sobre os mundos animais, toma as teias de aranhas como materializações de relações ecológicas, ou seja, como presenças que materializam onto-ecologias tecidas em contrapontos<sup>6</sup>. As relações entre habitação, percepção, sensibilidade, simbiose e simpoiesis atravessam os textos selecionados para as cinco sessões deste ciclo de leituras e conversas, tecendo um composto quente em que fermentam mundos tramados em múltiplos emaranhamentos. Lendo os textos de Despret, Haraway, Ingold, Jiménez e Uexküll, pensaremos, nós, também, como tecer mundos com(o) as aranhas.

## Programa das sessões

### Sessão 1

Haraway, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016, p. 30-57 (Chapter 2: “Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene”).

### Sessão 2

Despret, Vinciane. *Autobiographie d'un poulpe et autres récits d'anticipation*. Arles: Actes Sud, 2021, p. 11-32 (“Glossaire”, “Chapitre 1: L'enquête des acouphènes ou les chanteuses silencieuses”).

**em espanhol:** Despret, Vinciane. *La investigación de los acúfenos*. Disponível em: [https://www.ivam.es/wp-content/uploads/Vinciane-Despret\\_La-importancia-de-los-acu%CC%81fenos.pdf](https://www.ivam.es/wp-content/uploads/Vinciane-Despret_La-importancia-de-los-acu%CC%81fenos.pdf)

**material complementar:** <https://arachnophilia.net/>

### Sessão 3

Ingold, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 144-152 (Capítulo 7: “Quando a formiga se encontra com a aranha: teoria social para artrópodes”).

### Sessão 4

Jiménez, Alberto Corsín. “Spiderweb Anthropologies: ecologies, infrastructures, entanglements”. In: Marisol de La Cadena, Mario Blaser (Eds.). *A world of many worlds*. Durham and London: Duke University Press, 2018, p. 53-82.

### Sessão 5

Despret, Vinciane. *O que diriam os animais*. São Paulo: Ubu Editora, 2021 (Capítulo “U de umwelt. Os bichos conhecem os costumes do mundo?”).

Ingold, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 79-80 (“Jakob von Uexküll e o conceito de Umwelt”).

Uexküll, Jakob von. *A foray into the worlds of animals and humans: with a theory of meaning*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010, p. 157-181 (“The interpretation of the spider’s web”, “From development rule and meaning rule”, “The meaning role as the bridging of two elementary roles”, “The composition theory of nature”).